

**Giovani José da Silva, Aila Vilela Bolzan, Rosaldo de Albuquerque Souza, 2017, *Kinikinau: arte, história, memória & resistência*. Curitiba: CRV, 184p.**

Recenseado por  
Gabriel Barros Viana de Oliveira<sup>1</sup>  
Andérbio Márcio Silva Martins<sup>2</sup>

O livro “Kinikinau: arte, história, memória & resistência”, organizado pelos pesquisadores Giovani José da Silva, Aila Vilela Bolzan e Rosaldo de Albuquerque Souza, trata-se de uma obra que visa reunir um verdadeiro inventário investigativo sobre os indígenas Kinikinau e que foi pensado para a celebração dos vinte anos da publicação de uma notícia de jornal (Tribuna Popular, Bonito, 10 de maio de 1996), que relatava a ‘descoberta’ dos Kinikinau. Foram convidados diversos autores que desenvolveram estudos sobre esse povo, abrangendo as seguintes áreas de conhecimento: Antropologia, Geografia, História, Linguística e Artes.

A obra encontra-se dividida em três partes. A primeira, “Arte”, contém apenas um capítulo, intitulado “Arte e Resistência Kinikinau”, de autoria de Aila Vilela Bolzan. A pesquisadora realiza uma etnografia da produção de cerâmicas ornamentadas elaboradas pelas mulheres Kinikinau, visto pela autora como um dos modos de expressar o ‘ser Kinikinau’.

A segunda parte, “História”, possui quatro capítulos: “Travessia: de Guaná a Kinikinau”, de Iára Quelho de Castro; “Kinikinau: a língua silenciada”, de Ilda de Souza; “Kinikinau: um recorte sociolinguístico”, de Valéria Guimarães de Carvalho Couto; e “Permanecer Kinikinau: identidade como “máquina de guerra” no Mato Grosso do Sul”, de João Evaldo Ghizoni Dietrich. Iára de Castro descreve as experiências vividas pelos Kinikinau, como a travessia para terras que formariam a República Federativa do Brasil, bem como a participação desse povo na Guerra do Paraguai. Seu trabalho nos permite visualizar o

---

<sup>1</sup> Mestrando em Letras no Programa de Pós-Graduação em Letras da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras da Universidade Federal da Grande Dourados (PPG-Letras/FACALE/UFGD).

<sup>2</sup> Professor Adjunto III da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) no Programa de Pós-Graduação em Letras da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras (PPGL/FACALE/UFGD) e no Curso de Graduação em Licenciatura Intercultural Indígena - Teko Arandu, lotado na Faculdade Intercultural Indígena (FAIND/UFGD).

aproveitamento de espaços sociopolíticos e de contingências históricas, por meio da incorporação de discursos, conceitos e ideias da sociedade envolvente. O trabalho de Ilda de Souza é uma discussão acerca do nível de vitalidade crítico da língua Kinikinau. Ela mostra os fatores históricos e sociais que levaram a língua Kinikinau à situação que se encontra hoje (quase deixando de ser falada). Descreve também o estado sociolinguístico atual e, principalmente, chama a atenção para os jovens Kinikinau que frequentam ou frequentaram um curso superior para que eles implementem na comunidade Kinikinau uma política linguística que fortaleça seu idioma ancestral. Valéria Couto, por sua vez, realiza um levantamento sociolinguístico da comunidade Kinikinau da aldeia São João à época do trabalho de campo da autora (2005-2006), uma concisa descrição da gramática da língua Kinikinau e um estudo comparativo entre Kinikinau e Terena. O texto do geógrafo, João Dietrich, apresenta uma análise do território e a territorialidade da etnia Kinikinau, com base no conceito de “máquina de guerra”, proposto por Deleuze e Guattari.

A terceira e última parte, “Memória & Resistência”, tem 3 capítulos: “Sustentabilidade na reconstrução identitária do povo indígena Kinikinau”, de Rosaldo de Albuquerque Souza; “Povo Indígena Kinikinau”, de Inácio Roberto; e “A diáspora Kinikinau: a trajetória histórica de um povo indígena ‘extinto’ (Séculos XX e XXI)”, de Giovani José da Silva e José Luiz de Souza. O trabalho de Rosaldo Souza versa sobre a história do povo Kinikinau desde o Gran Chaco Colonial, o processo de perda (roubo) territorial infligidos pelos não-indígenas e a dura realidade dos Kinikinau hoje, vivendo em territórios emprestados pelos Kadiwéu ou Terena. O trabalho de Inácio Roberto apresenta um pouco da memória do povo Kinikinau, por meio do relato oral dos anciãos, principalmente dos de seus pais, Miguel Roberto e Zeferina Moreira; e de sua avó materna, Francisca Pereira. Os relatos dos anciãos versam sobre como era a organização antiga dos Kinikinau e suas inúmeras perdas desde a Guerra do Paraguai. Por fim, o trabalho de Giovani da Silva e José de Souza retoma trabalhos anteriormente escritos pelos dois pesquisadores (José da Silva & Souza 2003, 2005, 2008), atualizando algumas informações sobre o povo Kinikinau, de forma a apresentar um panorama mais atual desses indígenas. Também traz um relato escrito em primeira pessoa por Giovani da Silva, que conta o encontro entre esse pesquisador e os indígenas Kinikinau, até então considerados extintos, na aldeia São João.

O livro, sem dúvida alguma, constitui-se numa obra de referência no estudo do povo e da língua Kinikinau. Apresenta trabalhos pioneiros sobre a língua Kinikinau, de difícil acesso, como o trabalho de Valéria Couto. Traz trabalhos das duas maiores autoridades no estudo do povo Kinikinau, que são as professoras Ilda de Souza e Iára de Castro. Ademais, faz a voz indígena ser ouvida, por meio dos trabalhos de Inácio Roberto e Rosaldo Souza. A linguagem dos trabalhos é fluida e de agradável leitura. Os conceitos teóricos

utilizados pelos autores no decorrer dos capítulos são trabalhados de maneira bem simples e didática, o que faz com que neófitos nos campos da Antropologia, da Geografia, da História, da Linguística e das Artes consigam ler a obra (e se interessar pelo povo Kinikinau) tranquilamente. Os conceitos teóricos são trabalhados de maneira simples, mas não simplistas, o que faz com que os trabalhos adquiram grande relevância para os especialistas no estudo dos povos e das línguas indígenas brasileiras. Por fim, o livro é indicado para todos os estudantes (nível de graduação e pós-graduação) de Antropologia, Geografia, História, Letras, Artes, para os especialistas no estudo dos povos indígenas brasileiros e para o público leigo em geral interessado em saber um pouco mais de uma etnia ressurgida das cinzas em Mato Grosso do Sul.